



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7897 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

As tessituras do fazer docente no Programa Alfa e Beto
Graciely Garcia Soares - UnB - Universidade de Brasília

AS TESSITURAS DO FAZER DOCENTE NO PRGRAMA ALFA E BETO

Ao longo da história da educação no Brasil, as práticas de alfabetização estiveram em constante transformação desde que houve a necessidade de ensinar alguém a ler e escrever. Nesse cenário de contínuas mudanças, cada momento histórico é marcado pela tensão entre rupturas e permanências.

De acordo com Mortatti (2010), até os anos de 1970 via-se no método a solução para o fracasso na alfabetização; a cada momento, um novo método era utilizado: ora uma ou outra modalidade assumia um caráter oficial entre sintéticos e analíticos. No nosso país, o primeiro grupo assumiu (e volta a ocupar lugar de destaque) nas políticas de alfabetização. Como afirma Moraes (2012), a partir da década de 1980 surge um momento de novas perspectivas teórico-metodológicas que questionavam os antigos métodos de alfabetização. Nesse cenário, é crucial ressaltar o papel exercido pela teoria da psicogênese da língua escrita elaborada por Ferreiro e Teberosky (1985), já que mudanças estruturais nas formas de conceber a aprendizagem foram enfatizadas e, com isso, o processo de ensino sofreu impactos significativos.

Essa mudança no processo de ensino, deslocando a pergunta do como se ensina a ler e escrever para o como a criança aprende a ler e escrever, fez com que a teoria da psicogênese ganhasse espaço no cenário educacional brasileiro, assumindo um caráter de metodologia de ensino. É nesse contexto que se instala o que alguns autores, a exemplo de Soares (2016), denominaram de desinvenção da alfabetização, ou seja, a perda da especificidade desse campo nos processos de ensino.

Como uma reação a esse processo, estudiosos defensores do método fônico buscaram convencer seus contemporâneos, de que possuíam a definitiva solução para os problemas da alfabetização no Brasil. Este movimento de remetodização da alfabetização tratou de dar uma nova roupagem ao velho discurso do método fônico com base na Ciência Cognitiva da Leitura (DEHAENE, 2012).

No bojo dessas ideias, surge em 2006, o Instituto Alfa e Beto (IAB), uma organização não governamental responsável pela venda de soluções pedagógicas em redes de ensino e instituições parceiras. Dentre esses materiais, o Programa Alfa e Beto de Alfabetização tem como objetivo ajudar o professor a alfabetizar seus estudantes, por meio de um método de ensino estruturado.

A proposta deste estudo está, portanto, centrada em analisar as tessituras do fazer docente a partir do Programa Alfa e Beto em uma turma de 1º ano do Bloco Inicial de Alfabetização de uma escola pública da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

O ABC do Instituto Alfa e Beto: um debate acerca de suas especificidades didáticas

O Instituto Alfa e Beto tem como missão promover o conceito de educação baseada em evidências com foco em intervenções voltadas para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental com ênfase na alfabetização e leitura (OLIVEIRA, 2013).

A proposta pedagógica do Programa Alfa e Beto está ancorado em quatro pilares explícitos no Manual de Orientação: 1) Compromisso com o sucesso do aluno: fundamenta-se no entendimento e cumprimento do programa de ensino durante o ano letivo com o efetivo trabalho do docente com os estudantes; 2) Psicologia Cognitiva da Leitura: para o programa, uma alfabetização bem-sucedida passa pelo domínio do Princípio Alfabético, por meio do conhecimento das letras, o desenvolvimento da consciência fonológica e da consciência fonêmica. 3) Princípios pedagógicos: os princípios que regem o processo de ensino-aprendizagem do programa partem do simples para o mais complexo, com uma apresentação sistemática e ordenada dos estímulos através de rotinas e blocos de atividades; 4) Concepção do ensino da língua: O programa deixa clara a necessidade de adequar os textos aos objetivos pretendidos, afirmando que textos simples, estruturados e decodificáveis constituem instrumentos didáticos essenciais para promover uma aprendizagem eficiente da leitura.

Apesar dos inúmeras estudos no campo teórico da alfabetização e do letramento, o programa Alfa e Beto realiza um movimento de retorno ao método fônico. Com um discurso messiânico, apresenta como competência principal a ser desenvolvida: a descoberta do funcionamento do código alfabético, ou seja, que as letras representam os vários fonemas da língua. Assim, por meio de um aspecto simplista, explica que o código alfabético se traduz em grafemas que são representações de fonemas, sem levar em consideração o percurso histórico e evolutivo do alfabeto, muito menos o caráter representativo e notacional do Sistema de Escrita.

O percurso metodológico

No âmbito da nossa investigação, analisamos o saber-fazer de uma professora do primeiro ano do Ensino Fundamental atuante no programa Alfa e Beto. Para tanto, recorreremos à pesquisa de natureza qualitativa, que foi iniciada ainda no 1º semestre de 2019, em uma escola de anos iniciais, sendo ela a única a adotar o material estruturado no âmbito da Secretaria de Estado de Educação do DF.

Sublinhamos que esta pesquisa foi caracterizada como um estudo de caso do tipo etnográfico, pois, para André (2005), ele se volta para uma instância em particular, levando em conta o contexto e a complexidade. Para o recorte deste estudo, optamos pela análise preliminar das cinco primeiras observações. Recorreremos à análise de conteúdo temática (BARDIN, 2006) para o tratamento dos dados produzidos.

Para esse estudo foram considerados os eixos: organização da rotina pedagógica e atividades do Sistema de Escrita Alfabética.

Encaminhamentos adotados na organização da prática alfabetizadora

No conjunto das atividades da rotina pedagógica, verificamos que, em todas as aulas observadas, ocorreram momentos para realização da frequência e contagem dos estudantes. Sistemáticamente, a professora realizava estas atividades como parte do momento de acolhida previsto no plano de aula proposto no Manual de Orientação do IAB. Para o programa, a acolhida é a etapa principal da aula e a chamada constitui-se como um instrumento pedagógico valioso, demonstrando que cada aluno é importante (OLIVEIRA, 2013).

Para auxiliar este momento, a professora utilizava um cartaz de frequência mensal fixado na parede. Ao realizar essas atividades (frequência e contagem dos estudantes), a professora também fazia o uso do calendário, mostrando a data e o dia da semana, bem como estabelecendo um diálogo com os estudantes sobre a organização do tempo e as datas importantes para a turma. Parece-nos que, ao fazer o uso do calendário, mostrando aos estudantes a importância desse suporte para a organização do dia a dia, a professora fabricava uma tática (CERTEAU, 1994), a fim de manipular uma estratégia operacional imposta pelo IAB, com um forte mecanismo de controle pautado, exclusivamente, nos aspectos burocráticos da pontualidade e da assiduidade que estavam travestidos de acolhimento.

No rol das atividades da rotina pedagógica, registramos somente um momento da roda de conversa, com o objetivo de motivar os estudantes para a leitura do gênero textual reportagem presente no livro didático Aprender a ler. Durante a observação, ficou evidente que muitos estudantes não conseguiram participar dessa atividade, em função do pouco tempo disponibilizado. É notório que esse tipo de rotina caracteriza o modelo estruturado de ensino, não levando em consideração as especificidades do cotidiano da sala de aula, o perfil dos estudantes e a complexidade que norteia os saberes mobilizados na ação.

Também observamos, nos encaminhamentos didáticos adotados na proposição das atividades de classe e a correção delas, que a professora reproduzia, em certa medida, as orientações do programa, dando ênfase à reprodução dos conteúdos feita pelos estudantes, de forma automática e sem variações. O ensino estava pautado numa perspectiva empirista-associacionista, com ênfase na memorização e na aprendizagem de um código.

No que se refere à leitura, verificamos maior investimento na unidade palavra que era feita sempre com o auxílio da professora. Essa profissional apresentava um trabalho sistemático envolvendo atividades de leitura, no nível do fonema, estabelecendo relações entre as letras e os sons, numa espécie de decifração do código alfabético.

No tocante à escrita, partimos das variáveis presentes no Sistema de Escrita Alfabética, e se os estudantes estiveram expostos a atividades de cópias, sejam elas letras, sílabas, frases e textos. Considerando as observações, houve poucos momentos com atividades de escrita, uma vez que o programa preconiza esse eixo como um processo de codificação, no qual o estudante ouve um som e precisa transcrevê-lo em letras para escrever as palavras, por meio do ditado. No entanto, a professora realizou apenas uma vez aquela atividade durante nossas observações, demonstrando sua expertise e, portanto, fabricando maneiras distintas de didatizar o ensino, trazendo uma certa análise aos aspectos da notação escrita, não priorizando o ditado.

Chamamos a atenção para a partição oral de palavras em sílabas, atividade que foi realizada durante as observações, momento em que percebemos que, a professora se distanciou do método fônico proposto e se aproximou mais de algumas propriedades do Sistema de Escrita Alfabética, provavelmente pelo fato de que “levar o aprendiz a pronunciar isoladamente cada um dos fonemas de uma palavra é antinatural” (MORAIS, 2012, p.11).

Ao interpretamos, parcialmente, os encaminhamentos didáticos adotados nas atividades de organização da rotina pedagógica e na apropriação do Sistema de Escrita Alfabética da turma observada, detectamos certos princípios norteadores do programa apresentado, porém ficou evidente as tessituras produzidas pela professora, a fim de organizar o cotidiano escolar.

Considerações parciais

No conjunto das atividades da rotina pedagógica, verificamos, por parte do programa Alfa e Beto, um forte mecanismo de controle pautado, exclusivamente, nos aspectos burocráticos da pontualidade e da assiduidade, materializados no cartaz de frequência. Apesar deste engessamento na rotina, a professora fabricou táticas ao fazer o uso do calendário, mostrando aos estudantes a importância desse suporte para a organização do dia a dia.

A prática para o ensino das propriedades do Sistema de Escrita Alfabética, desenvolvidas pela professora, apresentou um movimento perpendicular que, em determinados momentos se aproximavam e, em outros, se distanciavam do proposto pelo programa. Assim, foi possível verificar ensaio e tentativas de imprimir algo que se distanciava das prescrições do programa, o que revela uma expertise profissional por parte da docente que ajustava as orientações que tinham acesso, mantendo apenas aquelas que poderiam ter um valor de uso em suas práticas cotidianas.

Palavras-Chave: Saber-fazer docente. Alfabetização. Alfa e Beto.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, Série Pesquisa, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Porto Alegre: Penso, 2012.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

MORAIS, A. G. de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, M. R. L. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, mai/ago, 2010.

OLIVEIRA, J. B. A. **Manual de orientação do Programa Alfa e Beto**. 10. ed. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2013.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.